



A RELAÇÃO DIALÉTICA E DIALÓGICA LOCAL/GLOBAL NO ENSINO CRÍTICO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA FREIRIANA¹

Esmeralda Carneiro Monsores²

Lorena Lopes Pereira Bonomo³

RESUMO

Compreendendo que o conhecimento geográfico funciona como saber estratégico para as classes dominantes, enquanto funciona de forma descontextualizada na educação das classes subalternas, procurou-se investigar como a geografia escolar poderia tornar esse conhecimento também estratégico para os alunos de escola pública, fundamentando-se em Lana Cavalcanti (2019), a fim de auxiliá-los a serem agentes da transformação da sociedade. O objetivo geral é apresentar e analisar o desenvolvimento de um recurso metodológico para o ensino crítico de geografia, pautado em dispositivos freirianos, desenvolvido em conjunto com os alunos de oitavo ano. Como fundamentação teórica, partiu-se das reflexões desenvolvidas pela Geografia Crítica questionando a pretensa neutralidade deste saber e a função ideológica que ele tem exercido dentro do ensino público para a manutenção da ordem dominante; procurou-se entabular um diálogo entre as considerações desta corrente, a partir de Yves Lacoste (2001) e Milton Santos (2017), para o ensino da geografia com o pensamento de Paulo Freire (1967) no que diz respeito às suas reflexões pedagógicas sobre a metodologia de ensino e aprendizagem. Esse diálogo entre os conceitos geográficos e aqueles necessários para tornar o processo de ensino e aprendizagem conscientizador e problematizador da realidade, ensejou a este trabalho uma base para a elaboração de uma *intervenção pedagógica* pautada na relação dialógica, entre educando e educador, de investigação de problemas sociais concretos a partir da realidade local experienciada por ambas as partes. O desenvolvimento da proposta resultou na produção de material que analisa a realidade e propõe soluções para problemas reais vividos pelos alunos.

Palavras-chave: geografia crítica; método Paulo Freire; ensino de geografia; educação emancipadora

ABSTRACT

Understanding that geographic knowledge functions as strategic knowledge for the dominant classes, while functioning in a decontextualized manner in the education of the subaltern classes, this study sought to investigate how school geography could also make this knowledge strategic for public school students, based on Lana Cavalcanti (2019), helping them become agents of societal transformation. The overall objective is to present and analyze the development of a methodological resource for critical geography teaching, based on Freirean approaches, developed in conjunction with eighth-grade

¹ O presente artigo é resultado de projeto de pesquisa de mestrado desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

² Mestra pelo PROFGEO da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ, esmelcarmo@live.com;

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Professora Associada do Departamento de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, lorenbonomo@hotmail.com.



students. The theoretical foundation was based on reflections developed by Critical Geography questioning the supposed neutrality of this knowledge and the ideological function it has played within public elementary education in maintaining the dominant order. The aim was to establish a dialogue between this current's considerations, from Yves Lacoste (2013) and Milton Santos (2017), for geography teaching and Paulo Freire's (1967) thinking regarding his pedagogical reflections on teaching and learning methodology. This dialogue between geographic concepts and those necessary to make the teaching and learning process more aware and problematize reality provided this work with a foundation for developing a pedagogical intervention based on a dialogical relationship between student and educator, investigating concrete social problems based on the local reality experienced by both parties. The development of the proposal resulted in the production of material that analyzes reality and proposes solutions to real-life problems experienced by students.

Keywords: critical geography; Paulo Freire method; geography teaching; emancipatory education

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado defendida no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO-UERJ), desenvolvida junto aos alunos de uma turma de oitavo ano de uma escola pública municipal, que deu origem à produção de um recurso metodológico, uma intervenção pedagógica, a partir de uma perspectiva freiriana, que buscasse desenvolver a relação dialética e dialógica local/global no ensino crítico de Geografia. Partindo da compreensão de que o conhecimento geográfico tem funcionado historicamente como um saber estratégico para as classes dominantes no exercício do poder e controle social sobre o território, enquanto tem funcionado de forma descontextualizada e desestruturada na educação formal das classes subalternas (Lacoste, 2013), procurou-se investigar de que modo a geografia escolar poderia se tornar um saber estratégico também para os alunos de escola pública, filhos da classe trabalhadora, a fim de auxiliá-los a serem agentes da transformação da sociedade.

O desenvolvimento da pesquisa deu-se em uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal, cujos alunos são majoritariamente oriundos de camadas sociais mais vulneráveis e moradores de áreas periféricas da cidade. Escola está localizada em um município do interior do Rio de Janeiro que vem passando por inúmeras transformações em função de um projeto político voltado para o desenvolvimento do turismo, o qual os alunos experienciam pelo contraste entre os visíveis investimentos em áreas centrais e a negligência das necessidades mais básicas dos moradores das áreas periféricas.

A realização desta intervenção pedagógica pressupôs o papel do professor como um agente de transformação social por meio do processo educativo, para, a partir disso, investigar como se particulariza esse papel no espaço concreto – no nosso caso, em uma cidade pequena,



onde o sentimento de pertencimento é algo característico e, não raro, um fator mobilizador para a ação coletiva. Essa peculiaridade abre um espaço maior para o desenvolvimento das potencialidades pedagógicas e sociais da escola enquanto vetor de conhecimento produzido em benefício da comunidade em seu entorno. Diante disso, a relevância do presente trabalho reside sobretudo no fato de ele ser o relato de uma experiência prática na qual a relação dialógica entre alunos e professor foi capaz de não só facilitar o processo de ensino e aprendizagem, mas de fato produzir novos conhecimentos, e, baseado neles, buscar influir em mudanças sociais.

Como objetivos específicos, ou etapas, desta pesquisa, buscamos (i) fundamentar a relevância social do ensino de geografia a partir de um viés crítico e multiescalar; (ii) recuperar aspectos teórico-metodológicos da pedagogia de Paulo Freire articulados ao ensino crítico de geografia; (iii) elaborar uma proposta de intervenção pedagógica focada no conteúdo de oitavo ano – cidades no mundo globalizado e segregação sócio-espacial – a partir das experiências imediatas dos alunos em uma cidade pequena; e, por fim, (iv) sintetizar a experiência em uma exposição textual do seu passo a passo, oferecendo para cada passo uma análise a partir dos autores que servem de referência para este trabalho.

O referencial teórico que fundamenta este trabalho perpassa Yves Lacoste (2013) e José William Vesentini (2001), sobre a importância do conhecimento geográfico e do ensino de geografia como instrumento de compreensão da realidade para a transformação social; Milton Santos (2017) e Ruy Moreira (2008), no que diz respeito à relação entre o universal e o particular para a compreensão da totalidade, essencial para a análise do espaço geográfico; Lana Cavalcanti (2019), sobre a importância das categorias de análise da geografia no desenvolvimento de um modo de pensar específico, que ajuda o indivíduo a melhor compreender o mundo; Rafael Straforini (2001) acerca da importância da relação entre os diferentes níveis de escalas geográficas para o ensino de geografia; Paulo Freire (1967), a dimensão pedagógica do trabalho, que consiste em produzir conhecimento através da investigação conjunta com os alunos sobre os fenômenos apresentados pelo conteúdo formal, que se materializam na cidade e, Henry Lefèbvre (2011) sobre o direito à cidade e a autogestão dos habitantes como caminho para tentar solucionar as situações problemas.

METODOLOGIA

Em primeiro lugar, foi realizada uma revisão da literatura acerca da dialética escalar local/global; da função social da Geografia e, por extensão, do Ensino de Geografia que, a partir



de suas categorias, pode facilitar a melhor compreensão da realidade em sua totalidade; das contribuições da Geografia Crítica para o ensino de geografia, mas também de seus pontos falhos, levando em consideração as experiências do Movimento de Renovação da Geografia e seu impacto no ensino da disciplina; e, por fim, da pedagogia de Paulo Freire como um caminho para um ensino crítico e emancipador para os filhos da classe trabalhadora.

A escolha de Paulo Freire como referência central para fundamentar e orientar o aspecto pedagógico deste trabalho deu-se por compartilharmos com este autor a ideia de que o processo de ensino-aprendizagem, além de possuir uma função conscientizadora e emancipadora, dá-se a partir de uma relação horizontal entre educador e educando, levando em consideração que o conhecimento de cada um tem a mesma importância no processo, e que o encontro entre esses diferentes saberes possibilita a construção de novos conhecimentos em uma relação dialógica e dialética entre educador e educando.

Com base nisso, elaboramos uma intervenção pedagógica pautada nos dispositivos freirianos – Temas Geradores, Situações Problemas e Resolução de Situações Problemas (Freire, 1967) – para articular os conteúdos de geografia para o oitavo ano: cidades no mundo globalizado e segregação sócio-espacial. A ideia principal era partir do conhecimento prévio dos alunos, de como compreendiam o espaço em que vivem, mais especificamente seus bairros e distritos, áreas periféricas da cidade, para depois, ao introduzir as categorias da geografia, avançarmos para uma compreensão mais aprofundada da realidade local e de sua relação com as mudanças recentes na cidade, bem como estas se relacionam com fenômenos globais.

A intervenção pedagógica foi desenvolvida junto aos alunos ao longo de oito semanas, em que foram utilizados com ferramentas e estratégias (i) os Círculos de Conversa – uma adequação dos Círculos de Cultura para a sala de aula – a fim de levantar os Temas Geradores; (ii) a produção de mapas vivenciais, fotografias e visita ao centro da cidade para identificar as Situações Problemas; (iii) e a criação de conta em rede social com publicações das fotografias e textos de legendas denunciando os problemas e propondo soluções como um meio para sugerir resoluções para as Situações Problemas.

As atividades desenvolvidas foram registradas em relatório e seus resultados analisados de forma coletiva junto aos alunos, sempre que possível, por meio dos círculos de conversa, que se apresentou como a principal ferramenta para exercitar o diálogo.



REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho desenvolvido alicerça-se sobre três pilares, a relevância da Geografia como um saber estratégico para os filhos da classe trabalhadora, alunos de escola pública; a contribuição da Geografia Crítica para o ensino de Geografia; e a pedagogia freiriana como um caminho para a compreensão da realidade e emancipação humana a partir da ação transformadora.

O ponto de partida desta pesquisa está na relação entre, de um lado, a função social da Geografia, como disciplina que permite, por meio de suas categorias, o desenvolvimento de um modo de pensar específico capaz de promover uma compreensão totalizante da realidade, a partir da leitura dos fenômenos que constituem o espaço geográfico; e, de outro lado, a tradição da Geografia Crítica, que desde a década de 1970 tem questionado a neutralidade do saber geográfico e sua função ideológica na escola.

Yves Lacoste (2013) evidencia que a geografia, longe de ser um conhecimento neutro, sempre foi utilizada como um saber estratégico pelas classes dominantes, seja para fins militares, seja para o planejamento econômico, servindo ao controle social do território. Para a educação básica, isso significa que, quando descontextualizado, o ensino de Geografia tende a reforçar visões parciais e acríticas do espaço. José William Vesentini (2001) amplia esse debate para o campo escolar, defendendo a necessidade de um ensino de Geografia que supere a mera descrição de fatos e localizações, buscando compreender o espaço como produto das relações sociais. Na mesma direção, Milton Santos (2017) propõe a centralidade das categorias de totalidade, espaço e lugar para a leitura crítica da realidade, articulando a compreensão do local com os processos globais que o determinam. Ruy Moreira (2008), por sua vez, enfatiza a relação dialética entre universal e particular, mostrando como a análise espacial exige a mediação entre diferentes escalas e dimensões da vida social.

Esses autores constituem a base crítica que orienta a proposta aqui relatada, fornecendo os instrumentos teóricos para pensar a cidade como espaço contraditório, no qual convivem interesses de valorização capitalista e necessidades sociais não atendidas. Ao lado da Geografia Crítica, o campo do Ensino de Geografia oferece aportes fundamentais para a transposição didática desse conhecimento. Lana Cavalcanti (2019) destaca a importância das categorias de análise geográfica – espaço, território, lugar, região, paisagem, escala – como ferramentas para desenvolver um modo de pensar específico, capaz de auxiliar os alunos na compreensão do mundo e de sua posição nele. Rafael Straforini (2001), por sua vez, enfatiza o papel da escala



como elemento estruturante para o ensino, mostrando que compreender o espaço implica transitar entre o local, o regional, o nacional e o global.

Essas contribuições situam-se no campo da didática da Geografia e permitem pensar o ensino escolar não como simples transmissão de conteúdos, mas como prática de mediação entre a experiência vivida e as explicações teóricas do espaço. No presente trabalho, tais referenciais foram mobilizados para estruturar as atividades pedagógicas, especialmente no uso de mapas vivenciais, quadros comparativos e análises multiescalares.

O eixo metodológico desta intervenção é fornecido pela pedagogia de Paulo Freire, cuja proposta une de forma indissociável o processo de ensino-aprendizagem e a formação da consciência crítica. Em *Educação como prática da liberdade* (1967), Freire propõe um método pautado na investigação da realidade dos educandos, na problematização dos temas emergentes dessa realidade e na construção coletiva de soluções, sempre em um movimento dialógico entre educador e educando. Neste sentido, a pedagogia freiriana fornece três dispositivos fundamentais para esta experiência: (i) os temas geradores, identificados a partir das falas e vivências dos alunos; (ii) as situações-problema, que traduzem esses temas em questões a serem analisadas e discutidas; e (iii) a resolução coletiva dos problemas, que estimula o protagonismo dos alunos e a proposição de alternativas transformadoras. Trata-se, assim, de uma prática pedagógica que articula conhecimento e conscientização, criando condições para que os educandos compreendam o espaço em que vivem e reconheçam sua capacidade de intervir nele.

A articulação entre Geografia Crítica, Ensino de Geografia e pedagogia freiriana permitiu construir o desenho metodológico desta intervenção. De um lado, os referenciais críticos ofereceram categorias para a análise do espaço urbano e da relação local/global. De outro, a didática da Geografia forneceu instrumentos para organizar o trabalho pedagógico em sala de aula. Por fim, a pedagogia freiriana garantiu o caráter emancipador da proposta, fundamentado no diálogo e na participação ativa dos estudantes

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho nasce de inquietações docentes quanto ao objetivo das aulas de geografia na educação básica – mais especificamente, quanto ao processo de ensino e aprendizagem a partir de uma abordagem puramente curricular –, e, conseqüentemente, da consciência da necessidade dos docentes desta disciplina de buscarem métodos para dar sentido concreto ao conteúdo curricular, e de apresentá-lo como um meio para que os educandos consigam

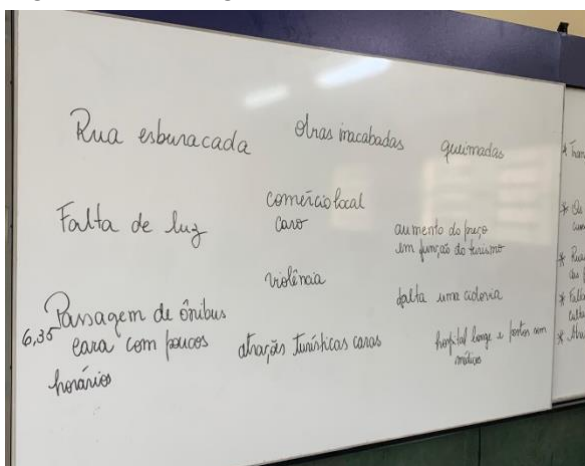


compreender os contextos em que estão inseridas suas vidas, sempre com vistas a mudança de suas realidades.

Na tentativa de abordar o problema, apostamos nos princípios metodológicos de Paulo Freire, em primeiro lugar, porque preconizam uma abordagem pedagógica que une o processo de ensino e aprendizagem com o processo de conscientização, aproximando o tema de estudo aos interesses concretos e à vivência dos educandos. Em segundo lugar, porque estabelecem uma investigação conjunta entre professor e alunos acerca da realidade de cada local de vivência, mediada por um processo pautado no diálogo e na relação dialética entre educador e educando na produção do conhecimento sobre o tema

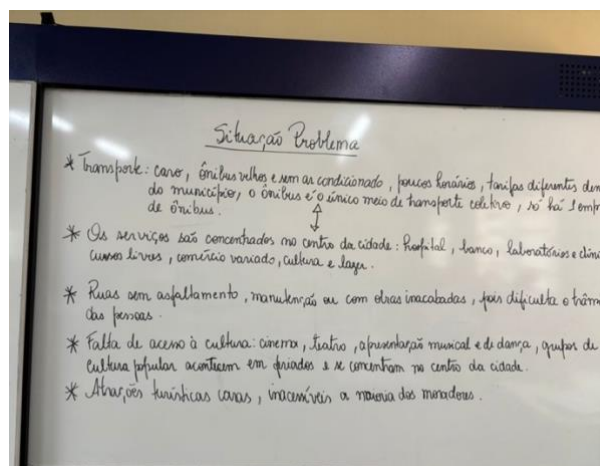
A experiência em sala de aula deu início com a discussão dos problemas e das potencialidades dos bairros em que os alunos vivem. Buscava-se entender como os alunos percebiam seus locais de moradia: o que viam como pontos positivos, e o que viam como pontos negativos. Para isso, demos início ao Círculo de Conversa em que perguntamos a eles, individualmente, onde moravam e o que identificavam como pontos positivos e pontos negativos dessas localidades. Toda a informação fornecida por eles foi registrada no caderno do professor e, no segundo momento, foi construído um quadro com as palavras mais recorrentes entre as respostas dos alunos. Uma síntese dos tópicos levantados que também expressava características comuns aos diferentes bairros e distritos em que os estudantes vivem. Essa atividade teve como objetivo identificar os Temas Geradores, para, a partir deles, apontar as Situações Problemas. As figuras 1 e 2 abaixo representam as duas etapas deste processo.

Figura 1 – Temas geradores



Fonte: acervo da autora

Figura 2 – Situações Problemas



Fonte: acervo da autora

A construção dos dois quadros acima deu-se a partir das discussões no Círculo de Conversa. Para a sistematização das Situações Problemas discutimos sobre os pontos negativos



e tentamos problematizá-los, procurando entender de que forma eles afetam a vida cotidiana da população da cidade, principalmente daqueles que vivem nos bairros e distritos mais longes da região central, e iniciamos a construção do segundo quadro, identificando as Situações Problema. Os alunos pontuaram que a concentração de aparelhos urbanos no centro da cidade e o alto preço da passagem de ônibus dificultam o acesso aos serviços como, saúde, educação, cultura e lazer, e, também ao consumo de mercadorias (supermercados, farmácias, lojas de roupas e sapatos, restaurantes, papelarias etc.) e a circulação pelo espaço da cidade. Sobre o transporte coletivo, os alunos pontuaram que os ônibus, além de caros, não estão em bom estado de conservação, não possuem ar-condicionado e, para determinados bairros e distritos, circulam em horários restritos. Acrescentaram que o valor da tarifa é diferenciado conforme a distância, independente de circulam dentro do mesmo município.

A questão do transporte e da concentração dos aparelhos urbanos na área central da cidade destacaram-se como as primeiras e, possivelmente, principais Situações Problemas. Os alunos chegaram à conclusão de que esses dois pontos estão relacionados, pois, para utilizar os aparelhos urbanos é imprescindível dispor do transporte coletivo. Em oposição aos problemas identificados por eles, as praças, parques e quadras de bairros aparecem como pontos positivos e de potências de seus locais de moradia, por serem lugares de encontro, de lazer e de apresentações culturais quando estas se deslocam do centro para a periferia.

Aprofundamos o debate sobre o custo da cidade para as famílias trabalhadoras, especialmente após os investimentos em turismo, introduzindo os temas Segregação Socioespacial e Direito à Cidade, a fim de compreendermos a quem se destinam esses investimentos, quem se beneficia deles, e quem é por eles prejudicado.

Embora o tema “Direito à Cidade” não esteja formalmente incluso no currículo de geografia, optamos por discorrer sobre ele, em primeiro lugar, por concordarmos com Lefèvre (2011, p. 104) sobre a necessidade de a cidade ser pensada por e para seus cidadãos, e de a construção do espaço urbano dar-se através da autogestão de seus habitantes; ou seja, a necessidade de uma participação ativa dos moradores, em especial das áreas mais marginalizadas. Um processo que considere as necessidades e os interesses dos moradores e não do mercado. Em segundo lugar, introduzimos esse tema por acreditarmos que essa perspectiva ajudaria na resolução dos problemas identificados pelos alunos.

Em um momento de Globalização caracterizado por uma influência forte do centro do capitalismo (países centrais, os centros tomadores de decisão) sobre a periferia do sistema (países periféricos como o Brasil, por exemplo), tempos em que o desenvolvimento tecnológico



acelerado das redes de comunicação permite que essa influência seja ainda mais acentuada, principalmente por meio da ação da indústria cultural, percebemos uma tendência à padronização dos gostos e dos consumos. No mesmo sentido segue a compreensão do que significam os termos “progresso” e “desenvolvimento”, em consonância com a ordem capitalista de investimentos. A cidade que progride, que se desenvolve, é aquela que atrai mais investimentos externos, sejam de empresas nacionais ou de empresas estrangeiras. O entendimento de “progresso” e “desenvolvimento” está relacionado não ao acesso a direitos básicos como moradia, transporte, emprego, lazer, educação e saúde, por exemplo, mas ao número de empresas que a cidade consegue atrair.

Ermínia Maricato explica que a partir do avanço do neoliberalismo na periferia do capitalismo, no contexto de Globalização, o planejamento urbano modernista funcionalista “contribuiu para a consolidação de sociedades desiguais ao ocultar a cidade real e preservar condições para a formação de um mercado imobiliário especulativo e restrito a uma minoria” (2015, p. 87). Neste contexto, o planejamento urbano passa a ser chamado de “Plano Estratégico”, que “reforça a ideia de cidade autônoma, a qual necessita instrumentar-se para competir com as demais, na disputa por investimentos” (2015, p.89).

Embora a autora esteja se referindo a cidades grandes, a metrópoles, este fenômeno também pode ser observado em cidades menores, a exemplo daquela onde este trabalho se desenvolve. A atual administração implementa uma política de “desenvolvimento” pautada no setor de turismo e busca atrair investimentos externos para a construção de atrações inspiradas nos modelos de parques da Disney. Para ganhar apoio e convencer a população de que este é melhor caminho para a cidade, utiliza o argumento de geração de emprego, sem, no entanto, apresentar números. Conforme este projeto político avança, a vida dos moradores sofre impactos como aumento dos aluguéis e do preço dos imóveis e o encarecimento dos serviços oferecidos pelo comércio local, ao passo que a geração de emprego prometida e esperada não consegue ultrapassar a informalidade.

Falamos sobre o aumento dos preços de aluguéis e da dificuldade de encontrar casas para alugar em função do aumento da oferta de aluguéis temporários. Apesar de grande parte da turma viver em casas próprias (apenas 2 vivem de aluguel), muitos deles (15 do total) vivem em casas construídas no mesmo quintal que outras casas de familiares e sem documentação, construções irregulares. Perguntei a eles o porquê de seus pais construírem casas nos mesmos terrenos de avós e irmãos e a resposta deles foi “porque é mais barato que comprar terreno”. Aproveitei esse momento para falarmos do problema da moradia e da especulação imobiliária



que tem elevado os preços de imóveis nos últimos anos em Miguel Pereira, relacionando com as ocupações irregulares que ocorrem em diversas áreas do município. Um dos alunos, morador de Conrado (3º distrito de Miguel Pereira), disse que na rua onde mora, em um trecho mais acima, em uma encosta de morro, muitas casas têm sido construídas recentemente, embora o acesso seja muito difícil. Segundo ele, quando chove as pessoas não conseguem sair ou chegar em suas casas.

A atividade seguinte consistiu em construir Mapas Vivenciais, nos quais os alunos teriam a liberdade de registrar seus locais de moradia de acordo com suas experiências cotidianas, inscrevendo neles tudo aquilo que consideram relevante, destacando os espaços segregados, abrindo, também, a possibilidade para incluírem aparelhos e equipamentos urbanos que julgassem serem interessantes de se ter em determinados locais, ou em substituição a outros que existam, mas que para os alunos não fazem tanto sentido.

A opção pelo Mapa Vivencial deu-se por concordarmos com a ideia de que a cartografia vivencial seja um meio de expressar a espacialização da vida, sendo uma linguagem que permite ao aluno comunicar como ele experiencia os lugares em que vive e como os percebe, trazendo significados e sentidos próprios das relações que estabelece no e com o meio. Segundo Lopes,

A produção dos mapas vivenciais, nessa perspectiva, é um acontecimento social discursivo que rompe com as hierarquias de saberes dentro do próprio campo da cartografia, em direção às diferenças constitutivas e a pluralidade. Seu foco é a compreensão das singularidades do sujeito ao olhar o mundo, produzir significados e compreender suas vivências espaciais por meio de artefatos cartográficos produzidos que vão muito além da clássica noção de representação do real, mas, sobretudo, traçados de encontros geracionais e criadores, fazedores de histórias e geografias outras. (2023, p.327).

Nesse sentido, podemos entender que a cartografia vivencial dialoga com a perspectiva freiriana preconizada nesse trabalho acerca da relação ensino-aprendizagem, pois considera essencial levar em conta a maneira como os educandos compreendem os lugares em que vivem e constroem significados próprios a partir de suas experiências e vivências. Lopes recorre à pedagogia de Vigotski para compreender como o desenvolvimento da criança se dá em relação ao meio em que ela está inserida. Segundo Vigotski,

Os elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a vivência. A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança. (2010, p. 683).

Figura 3 – Mapa Vivencial de Governador Portela



Fonte: acervo da autora

A figura 3 representa um dos mapas construídos pelos alunos moradores do 2º distrito, Governador Portela. Nele, assim como nos demais mapas confeccionados pela turma, o pequeno comércio local e as praças aparecem como pontos de destaque, representando as carências, mas também as potencialidades de seus locais de moradia.

Nas atividades anteriores buscamos entender a realidade em que os alunos vivem, especificamente de seus locais de moradia, mas também como a cidade onde vivem é gestada, onde os investimentos do poder público e da iniciativa privada se concentram e quais impactos isso tem em suas vidas cotidianas. Identificamos, assim, as Situações Problemas. As atividades seguintes tiveram como objetivo tentar encontrar algum caminho para a resolução dessas Situações Problemas. Para isso, os alunos fizeram registros fotográficos de seus bairros, a fim de podermos montar um perfil na rede social *Instagram*, onde seriam publicadas as fotos, juntamente com textos de legenda denunciando o problema e propondo solução.

Os alunos então realizaram os registros fotográficos de seus bairros e levaram para a aula seguinte. As fotos foram escolhidas coletivamente e os alunos em grupos separados por bairro e distritos escreveram textos de legendas apontando os problemas e indicando possíveis soluções. Essa atividade tinha por objetivo propor Resoluções das Situações Problemas, o que permitiria, a partir da realidade estudada, analisada e compreendida, a ação transformadora. As publicações em rede social possibilitaram alcançar pessoas não só da comunidade escolar, mas também dos bairros retratados nas publicações, como mostram as figuras 4 e 5 abaixo em que aparecem a postagem e os comentários de pessoas da comunidade.



Figura 4 – Postagem no perfil de Instagram “Cidade que queremos”



Fonte: acervo da autora

Figura 5 – Comentários na postagem



Fonte: acervo da autora

Ao final do ano letivo, o prefeito fez uma transmissão ao vivo em suas mídias digitais cujo tema era a tarifa do transporte coletivo. Nela ele informou que a tarifa seria reduzida nos trechos dentro do município e que o valor seria de R\$2,50. A notícia foi bastante comemorada pela população, obviamente, apesar de ele não mencionar que outros problemas como o número insuficiente de veículos, a falta de manutenção destes e o fato de não serem climatizados seriam resolvidos. Não podemos afirmar que a ação dos alunos com a construção do perfil no *Instagram* denunciando os problemas da cidade, em que justamente a publicação sobre os ônibus foi a que mais repercutiu, tenha sido a principal causa dessa mudança na tarifa, mas também não podemos descartar que ela teve algum impacto na decisão do prefeito.

Por fim, as últimas atividades consistiram em uma visita ao centro da cidade – por meio da qual os alunos puderam observar presencialmente e registrar em fotografias as recentes mudanças em função do investimento em turismo, com a construção de novos aparelhos urbanos – e a retomada do Círculo de Conversa para discutirmos e analisarmos o que havíamos observado relacionando aos conceitos e conteúdos de geografia abordados ao longo das atividades realizadas. Passamos, em seguida, à escolha das postagens que faríamos, quais fotos utilizaríamos, e a construção das legendas, desta vez coletivamente. Decidimos por fazer três postagens finais, destacando os novos aparelhos de turismo localizados no centro da cidade, e



a última – sugestão de uma aluna, mas bem recebida pela turma toda – sendo uma comparação entre a situação do centro da cidade e a situação dos bairros, destacando, desta forma, a contradição entre a concentração de investimentos na área central e a negligência das áreas periféricas por parte do poder público.

Para realizar este percurso, necessitamos fazer uso de diferentes tipos de linguagens, como o registro oral, a cartografia com a elaboração dos mapas vivenciais, a fotografia e as mídias sociais. Compreendemos que o uso das linguagens no ensino de geografia, mediadoras do processo de ensino/aprendizagem, se constitui como um recurso didático que permite ampliar os horizontes do conhecimento e facilitar a leitura de mundo. Destarte, as diferentes linguagens utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho cumpriram um papel de viabilizar a possibilidade de os alunos registrarem e analisarem os elementos necessários para a compreensão da realidade, mobilizando os conceitos da Geografia. Essa estratégia permitiu que eles próprios pudessem, em conjunto e numa relação dialógica e dialética entre a turma e o professor, produzir conhecimento.

Conforme avançou-se com as atividades, conjugadas com a abordagem do conteúdo e dos conceitos de geografia em consonância com o que estava sendo investigado, desde o primeiro Círculo de Conversa até a elaboração dos quadros com as Situações Problemas, a compreensão dos alunos sobre a realidade de seus bairros e da sua cidade foi se ampliando. Eles passaram da descrição dos pontos positivos e negativos de seus locais de moradia, com termos mais simplificados como, “ruas esburacadas”, “passagem cara”, “investimentos concentrados no centro” para problematizações mais complexas que buscavam, num primeiro momento sistematizar as Situações Problemas que atingem a coletividade dos moradores de áreas periféricas, para depois identificar a raiz dos problemas e, na última atividade, propor soluções.

Uma das questões mais complexas que esta pesquisa se propôs endereçar foi a dificuldade de abordar a relação dialética escalar entre o local e o global. Relação essencial para a compreensão dos fenômenos que seriam analisados pelos alunos e que possuem relação direta com suas vidas, pois os permite compreender como a lógica de ocupação e de transformação da cidade em que eles vivem, uma cidade pequena, se assemelha à mesma lógica de ocupação e de exploração e especulação do espaço urbano de cidades grandes do mundo todo e como essa lógica está atrelada à interesses de grandes empresas nacionais e estrangeiras, que cria espaços de valorização e espaços de exclusão dentro da cidade – e, também, perceber quais consequências isso traz para as suas vidas.



Esperava-se que, a partir da observação e análise das transformações que estão em curso na cidade e das condições de seus bairros e distritos, juntamente com a abordagem dos conceitos de Globalização, Segregação Socioespacial e Direito à Cidade, essa compreensão daria conta dessa tarefa, ocorrendo de forma mais facilitada e, como consequência, sendo expressa na produção de imagens, mapas e textos dos alunos. Acredita-se que este objetivo tenha sido alcançado. A compreensão da relação dialética escalar local/global se concretizou de forma destacada tanto na produção dos materiais dos alunos, quanto nos debates nos Círculos de Conversa e, também, no momento da escolha do que seria fotografado e quais fotografias seriam publicadas, além da elaboração dos textos com as propostas de solução dos problemas que elas representavam. Considera-se que a acepção da questão escalar dos fenômenos deu-se à medida em que os estudantes puderam observar e analisar as transformações do espaço urbano ao longo de todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o tempo de realização do recurso metodológico aqui apresentado tenha sido curto, o último trimestre do ano letivo, restringindo a pesquisa a abordar apenas parte do conteúdo de geografia para determinada série do Ensino Fundamental, pensa-se que ele poderia ser desenvolvido de forma mais ampla e abrangente. Seria interessante aplicar tal recurso ao longo de todo o ano letivo, de forma que a metodologia aqui proposta pudesse fazer parte não apenas do planejamento das aulas de um trimestre, mas do planejamento do curso. Dessa forma, poder-se-ia testar o recurso como uma metodologia de ensino para a Geografia.

A despeito de ter sido trabalhado um tema específico do currículo de geografia para o oitavo ano do Ensino Fundamental, acredita-se que a metodologia aqui desenvolvida e aplicada possa ser utilizada em todas as séries da Educação Básica, abordando os diversos conteúdos do currículo de geografia. A escolha por uma metodologia que buscasse instigar no educando o interesse pela pesquisa e produção de conhecimento, onde a sala de aula torna-se um espaço para a construção coletiva facilitada pelo movimento dialógico entre educandos e educadores mostrou-se um caminho possível para o ensino de geografia de forma crítica, favorecendo a formação de cidadãos que compreendam a possibilidade de serem agentes de transformação da realidade em que vivem.



REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela geografia: ensino e relevância social**. Goiânia, GO: C&A Alpha Comunicação, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- LEFÈBVRE, Henry. **O direito à cidade**. SP: Centauro editora, 2011.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Leituras discursivas: abordagens múltiplas dos usos significativos das linguagens**. Revista Porto das Letras, Vol. 9, Nº 1. 2023.
- MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2017.
- STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo**. Campinas: Biblioteca da Unicamp, 2001.
- VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Ed. Ática, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na Pedologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.